



LEI N.º 2044, DE 16 DE MAIO DE 1959
DA' NOMES A DIVERSAS RUAS DA CIDADE

A Câmara Municipal decreta e eu, Prefeito do Município de Campinas, promulgo a seguinte Lei:

Artigo 1.º — Ficam denominadas as seguintes vias públicas:

RUA D. JOSE' PAULO DA CAMARA — a via pública que abrange a Rua 14 do Jardim Paraizo e Rua 8 do Jardim Guarani e que tem início na Avenida Guarani.

RUA JOAQUIM A. PETTA — a Rua 8 do Jardim Guarani que tem início e término na Rua 8 do mesmo arruamento.

RUA MOACIR CHAGAS — a Rua 10 do Jardim Paraizo e que, tendo início na Av. Guarani termina na Rua 14.

RUA MANUEL BARRADAS — a Rua 13 do Jardim Paraizo e que, tendo início na Av. Guarani termina na Rua 9.

RUA DURVAL CARDOSO — a via pública que abrange a Rua 15 do Jardim Paraizo e a Rua 11 do Jardim Guarani e que, tendo início na Av. Guarani termina na Rua 12 do último loteamento.

Artigo 2.º — Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Paço Municipal de Campinas, aos 16 de maio de 1959

JOSE' NICOLAU LUDGERO MASELLI

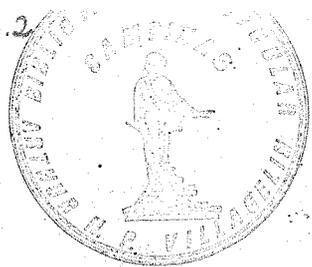
Prefeito Municipal

Eng.º JOSE' BENEDITO DE MELLO

Secret. Obras e Serv. Públicas

Publicada no Departamento do Expediente da Prefeitura Municipal, em 16 de maio de 1959.

ALVARO FERREIRA DA COSTA — Diretor

IMPrensaMOACIR CHAGAS

Membro da Academia de Ciências e Letras de S. Paulo e Academia Mineira de Letras. Publicou: "Arca de Noé", contos; "Um cão...e outros...", crônica; "São Paulo e seus homens de letras" (polemica) "A luva", comédia em 3 atos; "Sonho de primavera", comédia em 3 atos; "Fogo de Artificio", "Os milhões de pirata", "Nhô Quim", e "Golinho", revistas regional e fantasia, respectivamente. Poesia: Thuribulario, Sombras, Cinzas, Velha Canção, olhos tristes, Ultimos poemas, Crepusculos, Redenção e Fascinação.

Militou, em 1933, na imprensa campineira, como redator-chefe do "Correio Popular". Faleceu em S. Paulo.

Prosador e elegante e escorreito, jornalista vibrante e dos mais acatados, comediografo e poeta festejadissimo. Como poeta não se filiou a escola nenhuma. Teve participação ativa na revolução de 32, ao lado das forças paulistas. Nasceu em Minas.

Cam

Brilhante e Inconsequente Moacir Chagas

— Júlio Mariano —



Funcionário categorizado da Recebedoria de Rendas do Estado, transferido para Campinas após revolução de 32, Moacir Chagas se apresentara inicialmente nas colunas do "Correio Popular" como colaborador. Mesmo assim, a aquisição fora das mais valiosas.

Escritor e poeta que fizera jus a uma cadeira de membro da Academia Mineira de Letras, o colunista Chagas não era de todo um estranho em o nosso meio intelectual e jornalístico, quando fixou residência na Princesa D'Oeste. Em anos não muito distantes, festejara-o como poeta cultor do mais puro parnasianismo, a revista local "A Onda", de Domingos de Andrade, redatorada pelo jovem Hildebrando Siqueira. Ademais, se tratava de um daqueles desabusados defensores do "passadismo" literário, na Paulicéia, em aquela memorável e feroz luta sustentada contra os "modernistas" comandados por Mário de Andrade, a qual se iniciara em 1924 com a Semana de Arte Moderna.

A Moacir Chagas, engajado nas fileiras dos "passadistas" das "Fôlhas", coubera o encargo de "esfoliar" e "estripar" o "modernista" Menotti del Picchia, então encastelado no "Correio Paulistano". O trêfego mineiro, por aquela época, virou cartaz, escrevendo folhetins de cobras e lagartos sobre o imortalizado cantor de "Juca Mulato", inclusive a acusação de que, para a imagem de Colômbina, estereotipada com os mais bonitos versos de seu poema, lançara mão o poeta de "vergonhoso plágio", fizera cópia descritiva dos rótulos de garrafa da cerveja "Columbia".

Terrível, o Moacir Chagas! Campinas lhe dispensou a melhor de suas acolhidas.

O VIBRANTE E IRREQUIETO REDATOR DO "CORREIO"

Assumindo a direção do "Correio Popular", deixada por Aristides Lemos em 1933, o jornalista Moacir Chagas, desde logo, fez bulha. Pena das mais brilhantes, espírito afeiçoado à sátira, os seus escritos poderiam correr parrelha com as remotas crônicas de "Os Gatos", de Filho de Almeida. Discipulo e reverenciador da memória de Emílio de Menezes, estimava o trocadilho, de que fazia gasto com intenção "esculhambativa" (expressão esta que lhe era peculiar). Uma vez alvejado pelas metralhas esbarrondantes de suas críticas, o indivíduo havia de reduzir-se a "sub-nitrato de pó de traque!" (outra expressão que lhe era costumeira).

Como não podia deixar de ser, tendo em Moacir Chagas o redator-chefe, retornou o "Correio Popular" às esquecidas polêmicas com o "Diário do Povo". Cada um dos redatores de cá debicando com os redatores de lá. Reunidos os seus auxiliares de redação, exclamava o Moacir, gesticulando largo e pomposo: — "No meu jornal dou liberdade a todos. Abro a jaula e solto os tigres!". E entre uma fôlha e outra, se permutavam as alfinetadas ironias quando não xingamentos. Isto durante vários dias, semanas, até que, surgindo de imprevisto no "Cor-



reio" o diretor Ademir Ribeiro, acabava com o capítulo de opereta bufa, fazendo retirar mesmo da página, nas oficinas, todo e qualquer escrito polêmico. E por uns tempos, se trancava a "jaula".

De uma feita, a briga entre ambas as folhas, isto é, o "Correio" e o "Diário", se azedara tanto, que o velho Cardoso, defrontando-se com o Moacir Chagas à porta do Café Guarani ou da "Barsotti", à rua Barão, sacara de um revolver. Oportuna intervenção de terceiros evitou a tragédia.

Verdade é que, para o Moacir, tais coisas não faziam moessa. Eram naturalíssimas.

GALHOFEIROS TÍTULOS E INCOSEQUÊNCIAS

Literato, acima de tudo, o jornalista mineiro possuía a arte de atrair os leitores com os títulos de seus artigos. Para um Plínio Salgado, em plena campanha integralista, dedicou uma coluna encabeçada pela frase "O Hitlerzinho da Loja dos Dois Mil Réis". Com o sentido de arrazar a popularidade conquistada pelo deputado constituinte e socialista Zoroastro Gouveia, arrumou ao vibrante parlamentar a alcunha de "Zero Astro". Ao Partido Unico, que se cogitara fundar, em o ano de 1934, chamou desde logo o "Pu", para início de conversa galhofeira.

Realmente um brilhante e derramado panfletário, ao nosso Moacir, infelizmente, não sobejava firmeza de atitudes. Alguns de seus atos eram de todo inconsequentes. Um exemplo, dentre outros: Publicando pela manhã, em a primeira página do "Correio", o artigo "Zero Astro", devidamente assinado, à noite comparecia ele ao comício realizado no Largo da Catedral, pelo deputado Zoroastro Gouveia. Fora ao comício para apartes fêrnos

ao político socialista. Ao final, no entanto, deitou falação própria, Moacir Chagas, para os mais calorosos aplausos ao mesmo Zoroastro, que terminou abraçando perante o público!...

O incrível, porém, aconteceu intra-muros do "Correio Popular". Certa noite, após encendo a horas tantas na redação, participou Moacir todos nós, auxiliares, que naquela data deixava o cargo de redator-chefe do jornal, redigindo ele próprio e mandando para as oficinas a nota de despedida da fôlha. Em o dia seguinte, a notícia explodiu como uma bomba, nos escritórios dos Ribeiros, diretores proprietários do jornal, que ignoravam qualquer decisão do Moacir Chagas em afastar-se do "Correio". Quem pagou por tudo foi o secretário, chamado às fôlhas por não haver impedido a publicação da nota do pouco assisado redator-chefe. Mas tudo passou. Um só dia decorrido, e comparecia muito concho à redação o jornalista Moacir Chagas, prosseguia no seu cargo, sem nem ao menos preocupar-se em oferecer uma nota explicativa aos leitores, sobre o "fêrn", após despedida...

No fundo, porém, o nosso Moacir Chagas era uma boa alma, para todos os companheiros e auxiliares do velho "Correio". A sua amizade, sem preconceitos tolos, se estendia desde os homens da redação ao mais modesto trabalhador das oficinas, sem distinção de hierarquia. Prometia a todos nós o mundo e mais o fundo, como presente. Como era natural, cumpria pouco...

Em o ano de 1935, deixou definitivamente o "Correio" e Campinas o amigo e chefe Moacir Chagas, para redatoriar a "Tribuna" de Santos, a convite do velho Nascimento. Lá na cidade praiana, finou-se o Moacir Chagas, aí por 1937 ou 1938.